ECOTURISMO E CONTRIBUIÇÂO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÀVEL EM COMUNIDADES - CEARÁ - BRASIL

Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano[1]

Introdução

A crescente procura por experiências turísticas em ambientes naturais, relativamente intactos faz do ecoturismo um segmento do mercado com um dos maiores índices de crescimento na demanda turística. Há muitas formas de turismo de natureza: o de sol e praia, de aventura, náutico, de pesca, rural e o ecoturismo, dentre outros. Contudo, cada segmento é realizado em ambientes especiais, com focos diferenciados, tendo como ponto em comum o contato com a natureza. No ecoturismo, a contemplação da paisagem e a interação com as comunidades locais têm foco especial, como assinala a Organização Mundial de Turismo – OMT (1998, p. 24).

> O turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, concilia a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecendo aos turistas contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação da consciência ecológica.

A noção de sustentabilidade que emerge da consciência mundial dos limites na exploração da Terra está explícita na Política Nacional de Ecoturismo, ao conceituar a atividade como:

> Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a conservação e busca a formação da consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas (MMAAL/ MICT/, 1999, p 15).

Para compreender ecoturismo faz-se necessário entender o que é ecologia e turismo, pois a explicação do ecoturismo é encontrada nos pressupostos conceituais desses dois campos do saber**:** a ecologia e o turismo**.** Ambos têm ocupado considerável espaço no mundo moderno, fazendo-se necessário que se investigue os motivos para que isso aconteça e como a natureza é apropriada pelo turismo.

A emergência da ecologia surge da crítica aos descuidos da sociedade para com o meio ambiente e ao consumo exacerbado que esgota recursos naturais e agride a natureza. O modelo de consumo chega a ameaçar as bases da sociedade e de sua reprodução: a natureza e o homem. Como a prioridade tem sido a acumulação capitalista a reprodução da vida foi

[1] Professora Doutora, Geógrafa, Pesquisadora de Turismo, Coordenadora do Laboratório Estudos do Turismo e Território - NETTUR / Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: luzianeidecoriolano@gmail.com.

sacrificada. Já a emergência do turismo é explicada pela necessidade do ócio, do lazer e pela expansão do mercado, que cria novas mercadorias e necessidades relacionadas com o trabalho, porém direcionadas ao tempo livre e ao lazer. No ecoturismo, a natureza, os geossistemas e ecossistemas passam a ser os objetos do interesse turístico.

O ecoturista busca entender o significado dos espaços naturais, pois além do lazer anseia pelo conhecimento e pelo contato com a natureza. E assim entende que Geossistema é "um espaço físico com estrutura natural, com as inter-relações e as dinâmicas que ocorren em uma determinada área, dando feição e fisionomia aquele espaço, é a própria paisagem vista como sistema, como uma unidade real e integrada" (TROPPMAIR, 2004, p. 7). E é isso que o ecoturista ver ao se dirigir ao Pantanal, por exemplo. Paisagem que resulta da "combinação do potencial ecológico com geomorfologia, clima, hidrologia e ações humanas, apresentando-se como um complexo essencialmente dinâmico" (CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 42), tais como: litoral, cerrado, serra, montanhas, sertão, pantanal, caatinga, amazonas ou seridó, onde o ecoturista interage com a natureza.

O turismo é uma forma moderna de lazer que se apresenta com várias demandas. Nos anos 1980, surge o segmento "ecoturismo" para a viagem especializada, ligada à natureza, com proposta conservacionista. Um tipo de turismo que passa a ter cuidados com o meio ambiente, com as populações locais, associa-se à qualidade de vida, proteção dos patrimônios que coloca em prática princípios e intenções do desenvolvimento sustentável.

No ecoturismo, trabalha-se a educação ambiental com o visitante, deseja-se que ele tenha oportunidade de vivenciar experiências, questionando as condições de uso e de conservação da biodiversidade. O guia ou condutor de ecoturismo apresenta aspectos da natureza ao turista, de forma a levá-lo a conhecer e participar ativamente e não se comportar como mero contemplador e consumidor da natureza. Guiar assemelha-se ao papel de um educador. De certo modo, os turistas que praticam o ecoturismo seguem esta tendência, ela não é tão teórica e mercadológica quanto parece. Daí a preocupação com a massificação do ecoturismo, para que não acabe reproduzindo a contradição típica da ética capitalista-consumista, a qual mitiga os efeitos destrutivos sem eliminar as causas dos problemas socioambientais.

A natureza é transformada em mercadoria, com o ecoturismo. Esta constatação levou Yázigi (1998, p. 91) a afirmar que "o prefixo eco pretende ter um efeito moralizante". Muitos organizadores do ecoturismo apresentam-se carregados de ideologias e intenções que precisam ser reavaliadas. Nem tudo que é vendido como ecoturismo atende aos objetivos da atividade.

Pretende-se que os princípios ecológicos se estendam a toda ação humana, portanto qualquer motivação turística passaria a ser ecológica, pois usaria racional e sustentavelmente o ambiente. Se todo segmento de turismo precisa ser ecológico há que se definir o que é o ecoturismo. Como segmento de mercado e objeto de consumo é uma forma a mais de consumo da natureza, sendo dessa vez ainda mais perigosa porque invade suas entranhas a tantos milênios preservadas.

Meio ambiente é um conceito amplo, que abrange a natureza natural e a cultural, ou seja, a própria sociedade. Compreende os bens da natureza a exemplo da água, solo, flora, fauna, recursos naturais e os bens da sociedade, entre eles, o patrimônio histórico, cultural, paisagístico e arquitetônico, apropriados e transformados em atrativos para o turismo. É resultado da interação dos níveis naturais, sociais, econômicos, políticos e culturais. O meio ambiente como categoria científica pode ser compreendido como o meio global, o entorno natural ou transformado em objeto e artefato da civilização. Inclui o conjunto de todos os fenômenos sociais e culturais que configuram e transformam os indivíduos e grupos humanos.

É no ambiente que ocorrem às relações sociedade e natureza. A relação do homem com a natureza implica as complexas relações entre os homens e destes com a natureza. Esses fenômenos estão submetidos a leis e forças diferenciadas: as leis naturais e as sociais. São os interesses da sociedade capitalista que determinam o uso e o consumo da natureza em sua relação social de produção. Portanto, não é uma simples relação do homem com a natureza, mas relação sociedade e natureza; enfim, é a sociedade que determina as formas de uso da natureza, de produção e consumo.

Há no entorno do ecoturista, ou em qualquer paisagem natural ou construída, estreita correlação entre todos os elementos naturais físicos, químicos ou biológicos e desses com os elementos culturais. Pensar o meio natural ou a primeira natureza implica compreendê-la como segunda natureza ou a própria sociedade, com determinações econômicas, políticas e culturais. A ecologia é parte constituinte das ciências sociais, envolve estruturas e desenvolvimento das comunidades humanas em suas relações com os ambientes, suas conseqüentes adaptações, assim como os novos aspectos que os processos tecnológicos ou os sistemas de organização social passam a acarretar para as condições de vida em toda a biosfera.

Todos os ecossistemas encontram-se na biosfera, que é a região do planeta que contém o conjunto de seres vivos, na qual a vida é permanente e plenamente possível, seja na litosfera (solo), hidrosfera (água) ou atmosfera (ar). A manutenção da vida na biosfera depende da conservação das condições físico-químicas necessárias à composição e atividade

dos seres vivos, inclusive do homem. E esse meio físico, conhecido por ambiente ou habitat, pertence a todos os seres vivos e não apenas ao homem.

Isso implica na presença de fatores e substâncias úteis e necessários a vida e de substâncias e fatores tóxicos porque a maioria das atividades humanas modifica as características de estrutura e composições da biosfera, existindo um limite necessário para manter o equilíbrio entre as atividades humanas e as biológicas (com sua capacidade de resiliência ou de novo equilíbrio). Quando esse limite não é respeitado, os seres vivos - a fauna a flora e o próprio homem - passam a correr riscos. Algumas espécies não conseguem sobreviver no ambiente modificado, evoluem ou entram em fase de extinção. Desaparecem ecossistemas quando a qualidade do ambiente fica fortemente agredida. O próprio homem sofre com as alterações que provoca no ambiente, apresentando sintomas que caracterizam certas doenças físicas ou mentais, além das catástrofes ambientais a que o planeta está sujeito.

Boff (1999, p.135) acredita na reversibilidade do processo de destruição, ao recomendar que cada pessoa se descubra como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto natural ou em sua dimensão cultural. Faz alerta para que todos reconheçam para além da conexão da vida, que é única, e os milhares de seres vivos, mesmo microorganismos, são irmãos e irmãs do homem e comparte a mesma atmosfera, paisagem, solo, mananciais, fontes de nutrientes. Cabe ao homem, que se vê como animal superior, distinguir cada tipo de planta, animal e microorganismo em seu nicho ecológico específico ou comum, conhecendo a história das paisagens, freqüentando rios e montanhas, visitando cascatas e cavernas, avaliando a história das populações com sua saga na construção do habitat. Há inúmeras experiências humanas de trabalhar a natureza, conservá-la, depredá-la, modos de produzir, distinguindo consumidores vorazes e depredadores, de poetas e sábios, heróis e heroínas, pais e mães fundadores da civilização local. Isso implica em mudança de concepção de vida, de valores, de postura político-ideológica, de ética humana em relação à humanidade e à natureza. È esse o recado de Boff que se estende aos ecoturistas.

O turismo tem se revelado, com raras exceções, predatório dos ecossistemas naturais, em função do imediatismo consumista que transforma tudo em mercadoria. A implantação de infra-estruturas pesadas e inadequadas, a ocupação desordenada de litoral, megaempreendimentos, especulação imobiliária, falta de educação ambiental e de educação para o turismo tem contribuído para agressão à natureza. De modo geral, as atividades industriais, a agricultura, a pesca e o turismo exercem demandas conflitantes com o meio ambiente, quando rompem com as condições de sustentabilidade dos ciclos biológicos. A destruição de ambientes causados por padrões inadequados de uso do espaço para o lazer e

turismo ou em qualquer outra atividade compromete, muitas vezes, não apenas o espaço local, mas espaços remotos. É o caso da erosão costeira de uma praia que se estende por quase todos os litorais.

Ignacy Sachs (1986, p. 32) lembra que não se trata como pretendem alguns de salvaguardar a todo custo os ecossistemas naturais, mas de conceber os sistemas criados pelo homem como verdadeiros ecossistemas, zelando para que os ecossistemas criados não alterem os naturais. Recomenda, portanto, que os ciclos ecológicos sirvam de modelo para os econômicos. Não é mais possível pensar em retornar a práticas ancestrais, mas defende-se a possibilidade de manter alguns espaços com as identidades originais porque nem tudo precisa estar circunscrito à lógica da produtividade, do lucro e da mercadoria. Mesmo com a contradição entre o moderno e o atrasado, admite-se que a produção capitalista excelente na produção de riqueza, compartilhe com outras relações de produção em diferentes atividades produtivas que primam pela distribuição, como se constata no exemplo de atividades comunitárias, vinculadas as economias solidárias, viáveis ao modo capitalista, mas sem a lógica devoradora social e ambientalmente.

Os modelos de desenvolvimento ou de crescimento econômicos têm agredido, degradado e saqueado a natureza, por exigir cada vez mais produção e competição e realizar o lucro em níveis sempre mais elevados. Na proposta sustentável, cada lugar pensa um modelo local variante do modo agressivo dominante. Sachs (1986, p.130) critica a ideologia de reprodução de modelos ou de pensamento único, caminho pelo qual a sociedade mundial foi conduzida, ressaltando a capacidade intelectual e política de cada lugar, considerando que

> A história jamais forneceu modelos que devam ser reproduzidos, mas sim anti-modelos que é preciso superar. Para tanto, duas condições devem ser respeitadas: a independência intelectual e a coragem política. Quando se falha a essa responsabilidade as nossas pesquisas servirão de álibi e de cortina de fumaça ao ecocídio.

Mesmo submetido ao modo de produção capitalista, ao “motor único”, como afirmava Milton Santos (1996) cada lugar produz sua paisagem. E a paisagem é o primeiro indicador de que o turista está em outro lugar, pois a visão diferente que ele está tendo o faz perceber a mudança de ambiente. A paisagem é produto da sociedade e da cultura que se desenvolve em um lugar, pois é resultado de uma transformação coletiva da natureza. Considera-se radicalismo os que generalizam a dimensão negativa da intervenção humana sobre a natureza, o que fez Diegues (2002) referir-se ao mito da natureza intocável, pois admite que a vida humana requeira a relação com a natureza.

A questão é usá-la de forma equilibrada, respeitando os ciclos de vida dos recursos renováveis, mas respeitar isso em uma sociedade que transforma tudo em mercadoria é a grande questão. Como "ecologizar" a economia e eliminar a contradição entre crescimento econômico e conservação da natureza? São estes alguns dilemas postos por ambientalistas críticos que propõem a eco-socioeconomia como Boff (1999), Leff (2001), Morin (1977), Max - Neef (1993), Sampaio (2005) Sachs (1886) Boo (1995) e Coriolano (2007) dentre outros. No Ceará tem destaque as Área de Ecoturismo estruturadas no Polo de Ecoturismo Vale Monumental do Ceará (Quixadá e Quixeramobim), Pólo de Ecoturismo da Serra de Baturité (Aratuba, Baturité, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti, Palmácia e Redenção), Pólo de Ecoturismo do Cariri (Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri), Pólo de Ecoturismo da Ibiapaba (Carnaubal, Ibiapina, Ipu, Guaraciaba do Norte, São Benedito, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará), Pólo de Ecoturismo do Extremo Litoral Oeste (Acaraú, Barroquinha, Camocim, Cruz, Gijoca e Itarema), Pólo de Ecoturismo do Extremo Litoral Leste (Aracati, Fortim e Icapuí).

O Ecoturismo e o Protagonismo do Meio Ambiente

Quando uma pessoa viaja, tem oportunidade de conhecer novos ambientes, seja natural ou cultural, entrar em contato com modos de vida e culturas diferentes. Quem viaja para o campo em busca de ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural vai relacionar-se com ecossistemas diferentes dos encontrados nas cidades. Por isso, quem planeja o turismo, na cidade ou no meio natural e rural, precisa reconhecer os impactos positivos e negativos, gerenciando os recursos de forma a evitar e mitigar impactos socioambientais indesejáveis.

O ecoturismo tem por princípios a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais e culturais, informação e interpretação ambiental. Propõe-se ser negócio gerador de lucro e de renda para empresas e comunidades; conservando os recursos naturais e culturais; preservando valores culturais tradicionais. Isto independe de um sistema fiscal e legislativo para acompanhar as atividades humanas. O que o ecoturismo defende é uma visão de mundo onde o homem é parte da natureza e não está acima dela ou fora dela. Cada indivíduo respeita a natureza como parte de sua própria vida e não há necessidade de controle e de fiscalização externa, cada um faz a sua parte. Sobretudo, considerando que o aparato institucional, criado pelos diferentes países para garantir a conservação da natureza, é altamente oneroso e tende para o fracasso ou para solução mínima e isolada de conseqüências desastrosas e abrangentes, porque não se propõem a resolver as principais causas dos problemas.

A complexidade da atividade turística analisada nas diversas perspectivas, e nos segmentos torna o fenômeno mais lúcido e a atividade mais séria e respeitada. A presença do ecoturismo no meio natural causa impactos nos ecossistemas, sendo importante a revisão nos serviços, equipamentos e alojamentos implantados.

A "turistificação" das paisagens ou o processo de mudança de um lugar para adequá-la à função turística na maioria das vezes não consegue sincronizar o ritmo e o volume da exploração dos recursos com a capacidade que o meio oferece de suportar esta exploração diz Salva (1996, p. 193). Há uma questão simultânea de qualidade, dada pelo consumismo e de quantidade verificada no turismo de massa, que exige atenção para sinais que alertam para práticas contraditórias de ecoturismo tais como:

- Proliferação de construções para alojamento e serviços de todo tipo - hotéis, pousadas, camping, caravaning, motéis, cafeterias, restaurantes, discotecas, piscinas, marinas, estabelecimentos comerciais;
- Vias de comunicação de intensa urbanização, sem a devida adaptação para se instalar na natureza: estradas, caminhos, trilhas, portos, aeroportos, pistas, sinaleiras;
- Abundância de serviços sociais muito próximos aos locais mais preservados: religiosos, sanitários, policiais, culturais, informativos e comunicativos;
- Excesso de serviços de entretenimento paisagístico que causam: ruídos, pisoteios, mutilações do tipo coleta de flores, conchas, peixes e aves.
- Excessivas atividades no meio natural com motivação cultural e recreativa: banhos, navegação, observação da natureza, interpretação ambiental, observações de animais e da vegetação;
- Acúmulo de resíduos sólidos nos ecossistemas, os quais eutrofizam os biótopos, ou provocam aumento excessivo de nutrientes favorecendo o aparecimento de moscas, baratas, ratos, e empobrecem os ecossistemas, desequilibrando a cadeia alimentar e produzindo muitas vezes o crescimento descontrolado de algumas espécies dominantes;

Além desses, há ainda impactos gerais relativos às aglomerações urbanas que podem anular o valor turístico da área, pois quase sempre vêm juntas com atividades industriais e comerciais. O ecoturismo também contribui para a privatização de áreas que ficam impossibilitadas de uso público como cachoeiras, montanhas, lagos, bem como incrementa a especulação imobiliária, que na maioria das vezes prejudica os residentes no acesso aos terrenos para moradia e trabalho. É assim que Boo (1995) estudiosa do ecoturismo mostra formas de impactos do ecoturismo.

Mas há também muitos resultados positivos no ecoturismo quando ocorre com moderada ocupação e adequada regulação, que precisam ser reconhecidos como: construção de estradas e de meios de comunicação que facilitam o acesso aos residentes dos lugares mais isolados, antes mal relacionados geograficamente; valorização de patrimônio natural e estímulo à visitação a partir dos cuidados com parques florestais, e demais unidades de conservação ambiental cuja gestão é requalificada, com indicação de usos adequados e possíveis; definição e fiscalização de leis de aproveitamento, uso e desfrute dos recursos naturais renováveis, limitando a privatização de áreas destinadas ao uso público. A realização de campanhas de educação ambiental para residentes e turistas tem contribuindo para mudar concepções, para a compreensão de objetos da natureza como patrimônio da humanidade, contra a qual, de nenhum modo deve ser atentado; incremento de medidas contra poluição, contaminações e as degradações ambientais, assim como ações sistemáticas para limpeza de praias; coleta seletiva de lixo e práticas de permacultura, envolvimento de aspectos éticos, socioeconômicos e ambientais, com utilização da terra sem desperdício ou poluição, restauração de paisagens degradadas e consumo mínimo de energia, com a cultura permanente do uso de materiais reciclados.

Impactos positivos decorrentes das atividades do lazer e ecoturismo têm contribuído para melhorar a qualidade do ambiente vivido e visitado e, portanto, estão relacionados com as diversas infra-estruturas e serviços urbanos e sociais das áreas visitadas. O saneamento, embelezamento, sistema de transporte e comunicação atendem os que ali vivem e trabalham e aos que vem se divertir. Assim como a proteção e a defesa do patrimônio cultural, segurança pública, dotação de estradas e vias de acesso rápido e seguro para residentes e turistas, educação para o turismo, para o meio ambiente e a educação patrimonial, aperfeiçoamento em termos de hospitalidade, ampliação dos horizontes das pessoas residentes, tornando-as mais amáveis e educadas; crescimento de investigações científicas em meio ambiente e no turismo são ações e políticas que tem contribuído para adequar lugares receptores de ecoturismo.

No extremo oposto, ambientes agredidos, valores locais depreciados, atividades tradicionais abandonadas e natureza agredida são impactos negativos acarretados pelo ecoturismo tem sido criticados. Trabalhos tradicionais como a pesca, agricultura familiar e o artesanato que muitas vezes são abandonados e substituídos por ocupações em serviços turísticos, tem descaracterizado a produção e a cultura de comunidades tradicionais. Tais mudanças e transformações violentas levaram Knafou (1992) a referir-se ao poder de "subversão da ordem que tem o turismo", pois a atividade leva as comunidades a abandonar atividades seculares. Sawaya (2006) remete tal problemática para o tipo de inserção periférica

na divisão territorial do trabalho, sendo claro e contundente quanto a desvantagens e a submissão dos países periféricos, ao afirmar que "a periferia, quando se subordina ao processo de acumulação mundial de capital liderado pelos centrais, dando total liberdade ao grande capital multinacional, não encontra o desenvolvimento sustentável, mas a vulnerabilidade e a perda do controle sobre seu destino".

Nas áreas de urbanização turísticas, com predomínio de hotéis, residências secundárias para veraneios, condomínios de luxo, campings, para onde convergem elevados volumes de mercadorias e serviços para consumo ocorrem elevadas produções de dejetos sejam sólidos e líquidos (BARROS, 1998, p. 34). Assim, são áreas de grandes impactos, alguns esperáveis, devido à intensidade de uso. Contudo, no estágio atual do turismo, essas áreas tendem a ser recuperadas e passa a ser exigido usos que atentem para a conservação ambiental, sobretudo nas áreas de ecoturismo, onde o nível de exigência da maioria dos turistas é bem maior e as empresas precisam se adequar para poder vender o produto turístico. Assim, o ecoturismo passa a ser protagonista do meio ambiente. Ambientes descuidados, poluídos sujos e feios saem do circuito turístico ou não conseguem entrar.

As atividades turísticas instaladas em espaços de natureza mais conservada são precedidas de estudos e análises ambientais e turísticas para indicar o estado de conservação da natureza, o lugar ou comunidade susceptível de ser transformada em pólo ecoturístico, como Bonito (MG), por exemplo. Os estudos indicam aspectos físicos, qualidades geo-ambientais dos lugares, das paisagens, atrativos naturais, qualidade das águas, potencialidades e os atrativos a serem direcionados para usos turísticos. Quando os estudos são elaborados com a participação da população local são indicadas as prioridades e ações mais adequadas do ecoturismo e com a promoção do desenvolvimento local e sustentável.

No contato direto com a natureza, para uma interpretação ambiental, o ecoturista observa fenômenos da natureza, conhece melhor a dinâmica ambiental e recupera o sentimento perdido de pertencer à natureza. Descobre a possibilidade de a ela integrar-se. Vivencia uma prática ecológica de interação com a natureza. Assim, ecoturismo é a relação prática da ecologia com o turismo. É uma das formas de valorizar o patrimônio natural, histórico cultural e de oportunizar a valorização das comunidades locais. É o turismo motivado pela valorização ambiental e pela descoberta da natureza como valor estético transformado em ativo ambiental. Tornou-se possibilidade de inserir o turismo em modelo de turismo sustentável. É permitido em áreas naturais protegidas, ou seja, em unidades de conservação ambientais, lugares onde o visitante tem oportunidade de usufruir patrimônios naturais e culturais indescritíveis, fora do comumente conhecido.

A Interpretação Ambiental e as Unidades de Conservação Ambiental

Interpretação ambiental é a descoberta da natureza pelo turista, com a atribuição de um significado, auxiliado pelo guia, que utiliza técnica didática flexível e moldável. O turista trona-se hospede da natureza, e vai conhecer ambientes e objetos geográficos e fenômenos naturais. O guia de ecoturismo bem preparado utiliza linguagem adequada e acessível, comunica saberes ambientais e repassa significados da natureza nunca dantes conhecidos pelo cidadão urbano ou metropolitano. Conduz o turista a relacionar-se com fenômenos naturais a partir de experiências práticas e vivenciais para além das informações prestadas. O conhecimento ambiental, orientado e experimentado no contato com a natureza, permite o turista entender os motivos pelos quais se conserva recursos naturais, históricos e culturais. A partir do conhecimento de técnicas de manejo ambiental, há o envolvimento consciente com as questões político-ambientais. Esta é a concepção de interpretação ambiental, embora na prática nem sempre se verifique dessa forma.

Para atuar e trabalhar neste segmento é fundamental conhecer as proibições legais de uma visitação em Unidades de Conservação brasileiras**:**

- Entrada de animais domésticos, prevenindo transmitir doenças aos animais silvestres, ou para evitar conflitos entre predadores e competidores na cadeia alimentar;
- Fazer fogo, fogueira e churrasco, para que não tome grandes proporções e se alastre de modo incontrolável sobre a natureza. O fogo é um dos maiores inimigos das florestas. O churrasco também atrai animais domésticos da redondeza;
- Trafegar com velocidade superior a 30 km/h. Recomenda-se a caminhada, sobretudo para evitar acidentes com outros visitantes e animais silvestres nas trilhas;
- Deixar ou jogar lixo em locais inapropriados. Guarde-o em sacos de lixo e traga-o de volta. Se possível colete aquele deixado pelas pessoas menos conscientes. O lixo é vetor de doenças, fonte de poluição e causador de acidentes.
- Pichar, escrever, riscar e danificar imóveis, placas, pedras e árvores. A poluição visual, em algumas situações, pode ser irreversível, prejudicando a contemplação do belo e do natural;
- Lavar utensílios e roupas no rio, sendo permitido o banho em cachoeiras, nascentes, rios e lagos, desde que não se faça uso de produtos químicos (xampu, sabonete, óleos, protetores solar). As águas provenientes de nascentes não estão contaminadas e, portanto, devem permanecer límpidas e cristalinas;

- Consumir água das fontes e lagos sem conhecimento da potabilidade;
- Fazer barulho, buzinar e ouvir som alto. Na natureza não existem esses ruídos. Os animais se estressam profundamente quando isso ocorre.
- Coletar plantas, flores, frutos, sementes, conchas e pedras. Deixe-os onde você encontrou, para que outras pessoas possam apreciá-los. Além disso, eles são importantes no lugar onde estão e se forem levados só você os verá e por tempo limitado, pois a durabilidade é curta. No caso das plantas ou mudas além de ser contra a lei, a maioria necessita de condições especiais do ecossistema natural, difíceis de reproduzir e geralmente não se adaptam fora dele. Imagine-se se cada ecoturista retirar ou coletar qualquer material, por mais insignificante que possa parecer, qual seria a sustentabilidade da Unidade de Conservação visitada, tendo em vista os milhares de visitantes anuais? As coletas só são permitidas com prévia autorização do Coordenador do Programa e da Unidade. Devem ser feitas na menor quantidade possível e para identificação;
- Perseguir, matar, capturar, molestar, alimentar animais silvestres. Nos ecossistemas os animais estão em casa, o estranho provavelmente é o ecoturista
- Observar os animais à distância, pois a proximidade pode ser interpretada como ameaça e provocar ataque, mesmo de pequenos animais, além disso, os animais silvestres podem transmitir doenças.

Como alternativa que se enquadra nos moldes de desenvolvimento sustentável, o ecoturismo ganha espaço no mercado turístico. Considerando que o meio ambiente é a base do ecoturismo, há luta para uso sustentável dos recursos naturais, visando utilização de longo prazo. Entre as formas mais comuns de uso estão caminhadas pelas entranhas da natureza, na forma de trilhas, que requerem planejamento e proteção.

Identificação e Definição de Trilhas

Os caminhos e percursos construídos com diversas funções, desde a vigilância até a interpretação, são trilhas ecoturísticas. Dentre os objetivos a interpretação da natureza, o conhecimento de ecossistemas e da vida silvestre, são os preferidos.

As primeiras trilhas foram feitas pela necessidade de procurar alimento e água - trilha de caça. A partir da fixação do homem no território surge outro tipo de trilhas: para peregrinação religiosa, viagens comerciais, ações militares. As trilhas supriam a necessidade

do deslocamento. Com o surgimento das estradas foi alterado o valor e a função das trilhas servindo agora para o retorno a natureza.

No Brasil, as trilhas do período da colonização, na Serra do Mar são das mais importantes - a do Caminho Batido da Costa de São Tomé - utilizada pelos colonizadores, assim como a Trilha dos Tupiniquins, para alcançar Piratininga. A Trilha do Lorena transformada na Estrada da Independência, por onde passou D. Pedro I na viagem do dia 7 de setembro, quando saltou do cavalo e gritou "independência ou morte". Muitas trilhas serviram para escoar o ouro - Parati e Angra dos Reis para o café, açúcar, gado, entre os principais produtos da colônia brasileira.

Algumas trilhas deram origem ao excursionismo de aventuras. O primeiro clube de montanhismo brasileiro fundado no Rio de Janeiro em 1919 formalizou muito delas, ainda hoje utilizadas por ecoturistas. Para as caminhadas ecológicas em trilhas escolhem-se trilhas em áreas natureza protegida ou em áreas de conservação ambiental ou em áreas urbanas, urbano-rurais.

O sistema de trilhas considera a seqüência paisagística de cada percurso, a variação de classes de paisagens, aproveitando as diferentes paisagens para observação, formas de enriquecimento da experiência e da perspectiva do ecoturista, os pontos mais altos são mirantes e belvederes.

A partir da criação do Parque Nacional de Itatiaia em 1937 inicia-se no Brasil a criação das Unidades de Conservação, com sistemas de trilhas organizadas. São Paulo com o Parque Estadual de Campos de Jordão, em 1942, implanta trilhas, bem construídas e devidamente mantidas, que protegem o ambiente do impacto de uso e asseguram ao turista maior conforto e segurança.

Diversas trilhas apresentam problemas de infra-estrutura, falta de manutenção e segurança, muitas chegam a desaparecer tomadas pelo mato, e desuso. Oferecem bifurcação que algumas vezes não leva a lugar nenhum, compactação do solo, processo de erosão, ausência de mapas e de sinalização.

As trilhas de interpretação têm finalidade educativa, são destinadas ao conhecimento da flora, fauna, geologia, geomorfologia, processos biológicos, relações ecológicas, do meio ambiente e formas de sua proteção, recuperação, preservação e conservação.

Algumas apresentam formas circulares, para possibilitar voltar ao ponto de partida sem repetir o percurso ou cruzar com outros visitantes; outras são traçadas com a forma de um oito e são eficientes para áreas limitadas aumentando a possibilidade de uso; e as lineares são

mais simples e de uso comum, conectam-se com lagos, cavernas, picos, tendo a desvantagem do caminho de volta ser igual o da ida e cruzar com outros visitantes.

Apresentam graus de dificuldades que podem ser leves, semi-pesadas e pesadas. Embora tal escala seja subjetiva, pois varia individualmente. Quanto ao percurso, há os de curta distância - recreativo e educacional, com interpretação ambiental; e os de longa distância – para travessias por regiões visando estudos e registros locais.

Para quem planeja e monta trilha de ecoturismo recomenda-se:

- Definir a trilha - aonde vai, o que vai observar ou fazer e como realizar;
- Selecionar o ecossistema a ser visitado, para localizar, descrever e analisar;
- Proteger-se com repelente para insetos e com sapatos e chapéus adequados a trilha;
- Identificar e marcar as informações coletadas e que serviam para identificar a trilha;
- Considerar antecipadamente os efeitos dos processos físicos, químicos, biológicos da natureza que atuam mutuamente, tais como o ar, evaporação, radiação solar, recursos hídricos, escoamentos, solos, flora, fauna, alimento, cadeias biológicas;
- Descrever o percurso, evitar locais pantanosos e de forte declividade;
- Observar a paisagem agradável, com arvores, sombras, água, pássaros, animais locais;
- Ao parar em espaços sombreados observar a constituição das árvores, tipologias, importância da vegetação como elemento integrante do ecossistema e de sua função no sistema, sobretudo quanto ao retorno dos nutrientes, proteção contra erosão do solo, do escoamento superficial e a transformação de resíduos em matéria orgânica;
- Ouvir o barulho da floresta, do rio, das ondas;
- Provar os frutos conhecidos e evitar toque em palmeiras, elas soltam pêlos alérgicos;
- Diante de algum riacho, faça silêncio e escute o riacho ou rio. Observe o percurso: de onde vem e para onde vai. Se possível chegue à nascente, e saiba que essa é recurso de preservação, não pode ser destruído.
- Ao encontrar uma casa rústica de nativos, na floresta, nas matas, observe sua construção, como vivem os habitantes, como se relacionam com a natureza, o que cultivam, e porque se faz sustentável.

O ecoturista é um interprete e vive experiência única ao encontrar a floresta bem estruturada, com árvores altas e arbustivas, entre outras árvores que não chegam às copas maiores, competindo pela luz, protegendo e trocando com as espécies arbustivas e outras rasteiras. Neste momento, tem-se uma verdadeira noção de unidade de conservação, da diversidade na unidade. Ao encontrar uma mata com estratos bem definidos e cada um se encontra dentro dela como parte da natureza finita e infinita, ao mesmo tempo macro e micro-

cósmica. É o momento em que a ética e a sustentabilidade do ecoturismo passa a ter um sentido experimental e não apenas teórico.

Exigências éticas de sustentabilidade no ecoturismo

O futuro do ecoturismo, do turismo sustentável em unidades de conservação e comunidades, está ligado à capacidade dos governos, empresários e *trade* converterem esta atividade em elemento de equilíbrio que ajude a diminuir os déficits estruturais e a dívida social, objetivos que só podem ser alcançados na medida em que o ecoturismo se integra a uma economia mais solidária, diversificada e articulada com as especificas da região.

Esse redirecionamento do ecoturismo evita o triunfalismo das estatísticas avantajadas, que observa apenas as estrelas dos hotéis, esquecendo as noites estreladas e enluaradas e que a contemplação das estrelas no firmamento também faz parte do sucesso do ecoturismo. Considera que não basta ampliar o número de restaurantes, vôos charter, rentabilidade dos negócios, fluxos turísticos, mas, sobretudo a quantidade de residentes envolvidos com o ecoturismo, o nível de conservação ambiental dos ambientes visitados, o crescimento educacional dos anfitriões, (população residente) e ampliação da consciência ambiental, ecológica, patrimonial.

Considera que o turismo que se desenvolve em sociedades pobres com graves problemas sócio-ambientais, tem a função não apenas de gerar riqueza, mas de distribuí-la com ética e em respeito aos valores e a identidade do povo, na sua construção sociocultural. Sem esta postura, alimenta-se apenas a falsa ilusão de desenvolvimento sustentável, nega-se a capacidade do turismo contribuir para o desenvolvimento social, conservação ambiental e o enriquecimento cultural de todos.

Referências Bibliográficas

BARROS, N. C. Crócia de. **Manual de Geografia do Turismo**. Meio Ambiente Cultura e Paisagens. Recife: Ed Universitária UFPE. 1998.

BOFF, L. **Saber Cuidar.** Ètica do Homem – Compaixão da Terra. Petrópolis Vozes, 1999.

BOO, Elizabeth. O Planejamento Ecoturístico para as áreas protegidas. In LINDENBERG K, CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.

CORIOLANO, Luzia N. M T. **O Turismo e a relação Sociedade Natureza**. Fortaleza: EdUECE, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana**. O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Annablume – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002.

HAWKRINS, Donald. **Ecoturismo um guia para Planejamento e Gestão.** São Paulo Senac, 1995.

KNAFOU, Rémy. L'invention du tourisme. In: Bailly, A. et al. **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1992.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAX-NEEF, ELIZALDE, A. **Desarrolo a escala Humana**. Montevidéo: Nordan-Comunidad/Redes – Amigos de la Terra. 1993.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E DA AMAZÔNIA LEGAL/ MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO/ EMBRATUR. Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, Brasília: 1999.

MORIN, E. La Méthode. **Le nature de la nature**, Paris: Seuil, 1977

OMT/UNIAÕ EUROPÉIA/EMBRATUR Desenvolvimento de turismo sustentável: manual para organizações locais, 1998.

SACHS, Wolfgang. Meio Ambiente. In Sachs W. **Dicionário do Desenvolvimento**. Tradutores Joscelyne V. L.M. Clasen, J. A, Gialokai, S. Petrópolis: Vozes, 2000.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento, Crescer sem Destruir**. São Paulo: Vértice 1986

SALVA, P. Las implicaciones sócio culturales del turismo en el mar Mediterrâneo. In: LEMOS, A. I**. Turismo e Impactos Sócio-Ambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo como fenômeno humano**: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação de Turismo Comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS. Milton. **Técnica, Espaço e Tempo**, HUCITEC, São Paulo, 1994

_____. A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996

SAWAYA, Rubens. **Subordinação Consentida**: capital multinacional no processo de acumulação da América Latina e Brasil. São Paulo: Annablume , 2006.

TROPPMAIR, H. **Sistemas/ Geossistemas / Geossitemas Paulistas/ Ecologia da Paisagem**. Rio Claro: edição do autor, 2004.

UNIÃO EUROPÉIA/OMT **Desenvolvimento de turismo sustentável***:* manual para organizações locais. ---OMT, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Plêiade, 1998.